Dia 18 — A Cátedra de São Pedro em Roma

Tendo querido Deus que aquela mesma Roma que por espaço de tantos séculos havia sido a mestra do erro, o centro da superstição e a sede do paganismo fosse depois a mestra da verdade, a cadeira da fé, a cabeça da religião e a mãe comum de todas as igrejas, era conveniente que todos os fiéis celebrassem a época dessa felicidade e que a cada ano se solenizasse o nascimento daquela primeira igreja do mundo, ou, melhor dizendo, o dia em que se estabeleceu a fé da Igreja universal em Roma, como no centro de sua unidade. Este é propriamente o espírito da presente festividade, tão antiga em toda a Igreja.

É, pois, a festa da Cátedra de São Pedro em Roma o aniversário ou a memória daquele afortunado dia em que São Pedro, depois de ter fundado a igreja de Antioquia, veio estabelecer sua cadeira na capital do universo, convertendo-a em cabeça de todo o orbe cristão. Sucedeu isso por volta do ano 48 de Jesus Cristo, perto do fim do reinado do segundo imperador Cláudio, e quando começava o império de Nero. Vinte e cinco anos regeu São Pedro essa cátedra romana e coroou na mesma cidade seus apostólicos trabalhos com um glorioso martírio.

Mas não somente celebrava neste dia a Igreja a memória do estabelecimento da sé apostólica na cidade de Roma, como também parece compreender na mesma festividade aquela gloriosa confissão que fez São Pedro da divindade de Jesus Cristo, e a nomeação que depois dessa solene confissão fez Cristo de São Pedro para seu vigário na terra, cabeça visível e pedra fundamental de sua Igreja, perpetuando-a nele e em todos os seus sucessores. Por isso, sem dúvida, quando se celebravam no mesmo dia as duas cátedras de Antioquia e de Roma, como se observou por algum tempo, contentava-se a Igreja em querer solenizar o episcopado de São Pedro em geral; e neste sentido o autor da carta que se atribui a Santo Agostinho diz que se celebra neste dia a Cátedra de São Pedro porque nele foi quando o apóstolo ascendeu ao trono do pontificado. Chamaram, diz, nossos pais à solenidade deste dia a Cátedra de São Pedro porque se assegura que neste mesmo dia o Príncipe dos apóstolos tomou posse da sé episcopal: *Ideo quod primus Apostolorum Petrus hodie Episcopatus cathedram suscepisse referatur.*

Sem dúvida por este mesmo motivo, a exemplo da festa anual da dedicação das igrejas, obrigavam-se os sumos pontífices, e também os prelados inferiores, a celebrar cada ano o dia de sua consagração.

São Leão, papa, no sermão que fez em honra do Príncipe dos apóstolos, diz ser muito conveniente que aquela mesma cidade que era cabeça de todo o mundo fosse também o centro da religião, para que, colocada nela a luz da verdade, criada para alumiar e salvar o mundo todo, se difundisse mais eficazmente por todas as partes do universo. E acrescenta que o Príncipe dos apóstolos,

depois de ter conduzido a luz da fé por toda a Judeia, depois de ter fundado a igreja em Antioquia e pregado na Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, veio colocar sua cadeira em Roma e levantou sobre o Capitólio o troféu da cruz de Jesus Cristo.

O segundo concílio de Tours, que se celebrou no ano de 567, fala desta festa como tão antiga que já se haviam introduzido nela alguns abusos, aos quais era preciso pôr remédio.

Que profanidade! Que escândalo! exclamam os padres do concílio. É possível que entre os próprios fiéis se achem pessoas tão cegas que no dia em que se celebra a Cátedra de São Pedro, deixando-se levar de uma ridícula superstição, ofereçam viandas aos mortos e, mal voltam a suas casas depois de terem assistido ao santo sacrifício da missa, se entreguem aos erros e às superstições dos gentios! E, o que ainda causa mais horror, depois de terem-se alimentado com o precioso corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo, manchem suas almas com os manjares que estão dedicados ao demônio! Mas ouçamos as mesmas palavras com que se explica o concílio, porque são muito notáveis: *Sunt etiam qui in festivitate cathedræ domini Petri apostoli cibos mortuis offerunt; et post missas redeuntes ad domos proprias, ad gentilium revertuntur errores; et post corpus Domini sacratas dæmoni escas accipiunt.*

Já por aquele tempo se celebrava esta festa; assistia-se à missa, comungava-se nela. Mas que impiedade deixar-se depois arrastar pelas cerimônias supersticiosas e pagãs! Bom Deus, e que campo tão fecundo de proveitosas reflexões para os hereges que zombam da missa e negam a real presença do corpo de Jesus Cristo na Eucaristia! Mas que copioso manancial de reflexões não menos importantes para muitos maus católicos que, depois de terem celebrado ou assistido aos mais sacrossantos mistérios, passam imediatamente às obras mais profanas: do templo ao teatro, da comunhão aos banquetes, do sermão às conversações mundanas, ao jogo, ao baile e a outros entretenimentos indignos de cristãos!

Muitas igrejas particulares celebravam esta festa em dias diferentes; algumas confundiam as duas cátedras de Antioquia e de Roma. Para remediar um e outro inconveniente, o papa Paulo IV fixou a festa da cátedra romana no dia 18 de janeiro por uma bula que expediu a 13 do mesmo mês do ano de 1558. Nela diz que não pretende introduzir festa alguma nova, pois não faz mais que restabelecer ou confirmar uma solenidade que já se celebrava na Igreja desde os primeiros séculos, assinalando para ela o dia 18 de janeiro, como o praticavam os mais antigos padres da mesma Igreja.

Conserva-se ainda em Roma a mesma cátedra em que se sentava São Pedro, grosseira pela arte e pobríssima pela matéria, mas preciosíssima para a veneração dos fiéis, que devem olhar com a maior estima e respeito tudo o que serviu ao Príncipe dos apóstolos.

Martirológio Romano

A Cátedra de São Pedro em Roma, em memória do estabelecimento de sua sé nesta cidade.

Em Roma, também Santa Prisca, virgem, a qual, depois de ter sofrido muito sob o imperador Cláudio, recebeu a coroa do martírio.

Na província do Ponto, Museu e Amônio, soldados, que, tendo sido primeiramente condenados às minas, foram em seguida queimados.

No mesmo lugar, Santo Atenógenes, antigo teólogo; antes de ser lançado ao fogo, onde devia cumprir seu sacrifício, entoou alegremente um hino que deixou por escrito a seus discípulos.

Em Tours, São Voluciano, bispo, que, tendo sido preso pelos godos, rendeu sua alma a Deus no desterro.

Na mesma cidade, São Leobardo, recluso, que se fez admirável por sua abstinência e sua humildade.

Na Bretanha [^1], São Deicolo, abade, discípulo de São Columbano.

Em Como, Santa Librada, virgem.

Missa (oração)

A oração da missa é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui beato Petro Apostolo tuo, collatis clavibus regni cælestis, ligandi atque solvendi pontificium tradidisti: concede; ut intercessionis ejus auxilio a peccatorum nostrorum nexibus liberemur. Qui vivis et regnas...*

Português: Ó Deus, que com as chaves do reino do céu concedestes a vosso apóstolo, o bem-aventurado São Pedro, a autoridade pontifícia de atar e desatar, concedei-nos que, pelo auxílio de sua intercessão, nos vejamos livres das cadeias de nossos pecados. Vós que viveis e reinais...

Epístola

A epístola é a primeira do mesmo apóstolo São Pedro.

1 Pedro 1,1-3

>

> **Latim:** [1] Petrus Apostolus Jesu Christi, electis advenis dispersionis Ponti, Galatiæ, Cappadociæ, Asiæ, et Bithyniæ, [2] secundum præscientiam Dei Patris, in sanctificationem Spiritus, in obedientiam, et aspersionem sanguinis Jesu Christi. Gratia vobis, et pax multiplicetur. [3] Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, qui secundum misericordiam suam magnam regeneravit nos in spem vivam, per resurrectionem Jesu Christi ex mortuis,

Português: [1] PEDRO apostolo de Jesu Christo, aos estrangeiros que estão dispersos pelo Ponto, Galacia, Cappadocia, Asia, e Bithynia, [2] escolhidos segundo a presciência de Deos Padre, para receberem a santificação do Espírito, para prestarem obediencia a Deos, e terem parte na aspersão do sangue de Jesu Christo: Graça, e paz vos seja multiplicada. [3] Bendito seja o Deos e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, que, segundo a grandeza de sua misericordia, nos regenerou para a esperança da vida, pela resurreição de Jesu Christo d'entre os mortos,

Reflexões

Os Santos não acertam a desejar outros bens que os eternos, nem outras bênçãos que as celestiais. Como têm conhecida a vaidade e o nada dos bens da terra, reputam-nos por objeto indigno de seus desejos. A paz do coração reserva-se unicamente para os verdadeiros fiéis: os mundanos estão agitados de muitas paixões e não podem gozá-la. Por mais que afetem e queiram persuadir que têm paz, não há paz no coração ímpio, diz o Senhor. Mas que abundância de bens sobrenaturais, que afluência de consolos interiores não se desprendem sobre o coração puro que goza desta celestial paz!

A diversidade das nações não se comunica ao coração nem ao espírito dos verdadeiros fiéis. Para eles todas as nações são uma mesma. Que sejam do Ponto, ou da Bitínia, da Capadócia ou da Ásia, uma é a fé que os alumia, um o espírito que os anima, uma a esperança que os consola, uma a caridade que os estreita: *Cor unum, et anima una.* Onde há diversidade de opiniões, há desunião nos ânimos e altera-se a caridade. O espírito de Deus é espírito de paz.

Sendo reengendrados pelo sangue de Jesus Cristo, qual deve ser a pureza de nossos costumes, a integridade de nossos desejos, a santidade de nossa vida! E sendo reengendrados por uma viva esperança, *in spem vivam,* como não suspiramos por aquela rica herança, que não está sujeita a alterar-se nem a corromper-se?

Sendo destinados para moradores do céu, como é possível que nos agrade a terra? A memória de nossa celestial pátria não pode compor-se com olhar com olhos enxutos e serenos o lugar de nosso desterro. Sentados à margem do rio de Babilônia, de necessidade havemos de derramar torrentes de lágrimas, lembrando-nos de nossa amada Sião. Assim falam os Santos: mas falam também assim os homens do mundo? As adversidades, os trabalhos desta vida fazem saltar de alegria os que unicamente vivem para a outra. Que proporção há entre tudo o que se pode padecer aqui por

Deus e a recompensa do que se padece, que não é menos que a posse do mesmo Deus! Certo estou, diz o Apóstolo, de que as aflições do tempo presente não têm comparação com a glória futura que resplandecerá em nós. Cremos este oráculo? E compreendemos tudo o que significa?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,13-19

> **Latim:** 13 Venit autem Jesus in partes Cæsareæ Philippi : et interrogabat discipulos suos, dicens : Quem dicunt homines esse Filium hominis ? 14 At illi dixerunt : Alii Joannem Baptistam, alii autem Eliam, alii vero Jeremiam, aut unum ex prophetis. 15 Dicit illis Jesus : Vos autem, quem me esse dicitis ? 16 Respondens Simon Petrus dixit : Tu es Christus, Filius Dei vivi. 17 Respondens autem Jesus, dixit ei : Beatus es Simon Bar Jona : quia caro et sanguis non revelavit tibi, sed Pater meus, qui in cælis est. 18 Et ego dico tibi, quia tu es Petrus, et super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam, et portæ inferi non prævalebunt adversus eam. 19 Et tibi dabo claves regni cælorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum et in cælis : et quodcumque solveris super terram, erit solutum et in cælis.

Português: 13 E veio Jesus para as partes de Cesaréia de Filippe : e fez a seus discípulos esta pergunta, dizendo : Quem dizem os homens, que he o Filho do homem ? 14 E elles responderão : Huns dizem que João Baptista, mas outros que Elias, e outros que Jeremias, ou algum dos profetas. 15 Disse-lhes Jesus : E vós quem dizeis que sou eu ? 16 Respondendo Simão Pedro disse : Tu és o Christo, Filho de Deos vivo. 17 E respondendo Jesus, lhe disse : Bemaventurado és Simão filho de João : porque não foi a carne e sangue quem te revelou, mas sim meu Pai que está nos ceos. 18 Tambem eu te digo, que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra elle. 19 E eu te darei as chaves do reino dos ceos. E tudo o que ligares sobre a terra, será ligado tambem nos ceos : e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado tambem nos ceos.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que não basta crer; é preciso que cada um faça pública e solene profissão do que crê.

Cristo não gostou de discípulos tímidos e mudos. Essa covardia custou muito caro a São Pedro. Desventurado aquele que se envergonha do Evangelho! Crê-se com o coração para chegar à justiça; e confessa-se com a boca para merecer a salvação.

Sempre que não se vive conforme ao que se crê, há temor, há covardia em declarar a religião que se professa. Nem todos se acham em ocasiões precisas de confessar a fé com a boca; mas ninguém pode dispensar-se de confessá-la com os costumes. Se as obras desmentem a fé, não resta mais que um fantasma de católico. Se não há mais que uma fé puramente especulativa, essa também a têm os demônios.

Bem pode alguém confessar Jesus Cristo e não seguir suas máximas; mas poderá ser verdadeiro fiel não seguindo as máximas de Jesus Cristo? Se estou persuadido de que Jesus Cristo é o Filho de Deus vivo, de que Jesus Cristo é meu Deus, poderei envergonhar-me de ser reconhecido por discípulo seu? E, quando se cede tanto aos respeitos humanos em prejuízo do Evangelho, conhece-se verdadeiramente a Jesus Cristo?

Há obrigação de confessar a fé em presença dos tiranos, apesar das ameaças e dos suplícios. Aqueles que se envergonham de que os tenham por devotos teriam coragem para fazer essa confissão? Coisa estranha, não se quereria morrer com uma fé titubeante, e vive-se em geral com uma fé morta! Quando se examinam de perto nossos costumes, poder-se-á formar por eles uma grande ideia de nossa fé?

Segundo ponto

Considera que há uma fé de pura razão natural, que não se levanta acima dos sentidos e, consequentemente, não é capaz de constituir um fiel verdadeiro. Cheio está o mundo dessa espécie de fé; mas suas luzes são muito naturais e muito débeis para que possam elevar-se até a divindade.

Quem diz por aí o mundo que é o Filho do homem? perguntava Cristo a seus discípulos. A resposta que lhe deram descobre o caráter da fé dos mundanos. Uns, discorrendo por seu modo de vida e por sua doutrina, criam que era João Batista ressuscitado; outros, refletindo unicamente sobre seus milagres, persuadiam-se de que era Elias ou algum dos profetas. Quando não há mais fé que a de uma boa razão natural, não se adianta muito com ela.

A fé é uma luz sobrenatural, e somente os que estão iluminados por ela exclamam com São Pedro: Tu és Cristo, Filho do Deus vivo. Examinemos de que natureza é a nossa. É a fé, de certa maneira, a medida do amor. Se amamos pouco, em vão nos lisonjearemos de que cremos muito.

Uma fé viva não está longo tempo sem recompensa. Bem-aventurado és, Simão, filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue que te revelou. O Pai celestial é quem comunica essa luz sobrenatural com abundância; mas fará muita impressão numa alma arrastada pelos apetites da

carne, num coração escravo das paixões e num espírito mandado pelos sentidos? A confissão que fez São Pedro lhe mereceu a augusta qualidade de vigário de Jesus Cristo. Nossa pouca fé nos faz servos inúteis. Tenhamos uma fé viva e generosa, e faremos milagres com ela.

Confesso, Salvador meu Jesus Cristo, que sois meu Salvador e meu Deus. De agora em diante será minha conduta a fiadora de minha fé. Pouco vos amei; mal vos servi, porque até aqui só tive uma fé lânguida. Dai-me uma fé plena e generosa e aumentai cada dia esta minha fé.

Jaculatórias

> *Tu es Christus, Filius Dei vivi.* Mt 16.

Tu és Cristo, Filho do Deus vivo.

> *Domine, ad quem ibimus? verba vitæ æternæ habes.* Jo 6.

A quem, Senhor, acudiremos, se só vós tendes palavras de vida eterna?

Propósitos

1. O Credo é a confissão da fé. O costume de rezá-lo sem atenção e sem devoção é causa de que se diga sem fruto e sem mérito. No máximo parece uma oração que se reza, e não uma profissão de fé que se faz. Resolve-te desde hoje a não rezar jamais este compêndio dos artigos da fé que não seja acompanhando-o com uma confissão interior do que crês. Com o mesmo espírito deves pôr-te de pé ao evangelho da missa. Não tenhas isso por uma cerimônia indiferente. É uma profissão de fé muda, mas pública, com a qual se declara que se reconhecem aquelas divinas palavras como regra de nossa fé e de nossos costumes. Não somente nos cadafalsos e em presença dos tiranos há obrigação de fazer pública profissão de nossa fé; também é preciso que nossas máximas e nossos costumes digam claramente a religião que professamos.

2. É uma devoção solidíssima exercitar-se em atos de fé antes da comunhão; sempre que nos acharmos em algum perigo, no princípio de todas as orações e especialmente quando se comunga por modo de viático, tendo frequentemente na boca estas palavras do Evangelho: *Credo, Domine, adjuva incredulitatem meam.* Eu creio, Senhor, eu creio; mas ajudai a minha fé e fortificai-a com a vossa divina graça.

[^1]: Dever-se-ia ler "na Borgonha", porque São Deicolo nunca viveu na Bretanha nem na Inglaterra; foi abade do mosteiro de Lure, no Franco Condado, diocese de Besançon, onde morreu.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:56 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:56 by Admin